

Em nome de Deus, por Debora Diniz

Estamos em campanha política e o nome de Deus é vocativo popular para dizer qualquer coisa sobre o bem do povo brasileiro. Em geral, a frase é anunciada com pompa: *“em nome de deus”*. Assim mesmo, no singular e multiuso, um só Deus e para muitas coisas. Duvido dos que se apuram para o discurso político “em nome de deus”; mas me assustam mesmo os que lançam o vocativo e seguem com listas de perseguições. *“Em nome de deus, não haverá casamento gay”, “Em nome de deus, o aborto será proibido”, “Em nome de deus, não haverá isso de ideologia de gênero nas escolas”*.

[\(HuffPost Brasil, 19/09/2016 - acesse no site de origem\)](#)

Por isso, prefiro os sem vocativo com apelo divino; gosto dos mundanos. Eles são minoria, é verdade, mas precisamos ouvir o que dizem. Busco os candidatos que dizem ser gênero matéria obrigatória nas escolas e que não há nada disso de ideologia de gênero: o que há é essa pura criatividade que somos - nascemos qualquer coisa e nos reviramos na descoberta sobre o que queremos ser. Uns nascem com genitália de um tipo e rebolam o corpo de outro jeito; outros nunca pensaram sobre isso de sexo ou gênero. Por isso, gênero importa para todo mundo na escola: para os que querem descobrir e para os que querem só seguir o mapa sem curvas da heterossexualidade naturalizada. Gosto mais ainda dos candidatos que gritam por uma terra sem deuses, e por isso pedem escolas sem ensino religioso. Falam em palavras difíceis, como Estado laico. Como o tempo de propaganda política é curto, nem sempre dá para explicar que é o Estado laico o que garante a liberdade religiosa das pessoas. Sem religião nas escolas, as crianças poderão ir ao templo ou à praia nos domingos, mas sem precisar ter medo de demônios durante o horário de aula. Só uns poucos têm coragem de dizer que a criminalização do aborto é injusta para as mulheres, pois é a lei penal que mata e tortura as mulheres. A esses corajosos candidatos, ofereço minha solidariedade: falar a verdade sobre as convicções éticas lhes renderá, além de poucos votos, uma perseguição sanguinária dos “em nome de Deus”.

Ainda não ouvi nenhum candidato ousado dizer “em nome de Deus” e esquecer a pregação persecutória. Como não faço futurismo, talvez haja um que diga “*em nome de Deus, não haverá mais deus nas escolas*”, “*em nome de deus, não haverá mais perseguição aos gays*”, “*em nome de deus, o aborto será legalizado*”. Mesmo se existisse um sujeito com tamanha ambiguidade no discurso, esse candidato não teria o meu voto. A benção divina ou das religiões não é necessária para a vida política de uma democracia laica. Religião é matéria de ética privada, o que significa que cada pessoa deve ser livre para fazer suas escolhas, religiosas ou ateias. Precisamos de candidatos que digam: “por respeitar os direitos humanos, defendo a igualdade sexual e racial”, “por respeitar os direitos humanos, garantirei a separação entre Estado e igrejas”, “por respeitar os direitos humanos, lutarei pela descriminalização do aborto”. Assim, um conselho: atente para os vocativos dos candidatos, dê preferência para os que falam do mundo.